

# Material do Professor

---



## AUTORIA

Érica de Faria Dutra  
Especialista do Instituto Avisa Lá

## COORDENAÇÃO

Ana Carolina Carvalho  
Coordenadora do Instituto Avisa Lá



# Material do Professor

---

## **AUTORIA**

Érica de Faria Dutra  
Especialista do Instituto Avisa Lá

## **COORDENAÇÃO**

Ana Carolina Carvalho  
Coordenadora do Instituto Avisa Lá

## **LIVRO**

*Da minha janela*

## **AUTOR**

Otávio Júnior

## **ILUSTRADORA**

Vanina Starkoff

## **TEMAS**

Quotidiano de crianças nas escolas, nas famílias  
e nas comunidades (urbanas e rurais)

## **GÊNERO LITERÁRIO**

Narrativos: fábulas originais, da literatura  
universal e da tradição popular, etc.



Conteúdo

Instituto Avisa Lá — Formação Continuada de Educadores

Coordenação

Ana Carolina Carvalho

Revisão

Ana Luiza Couto

Renata Lopes Del Nero

# Carta

Cara educadora, caro educador,

Neste material você vai encontrar apoio para trabalhar com o livro *Da minha janela*. Desde já, enfatizamos que as propostas aqui apresentadas são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. Ele é composto dos seguintes itens:

- **Contextualização da obra:** informações e aspectos importantes sobre o livro, o autor e a ilustradora.
- **Por que ler este livro na Educação Infantil?:** relações com competências gerais e campos de experiência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reforçando como a obra contribui para a formação leitora das crianças nessa etapa escolar.
- **Conversas em torno da leitura deste livro:** aspectos importantes para a experiência literária, assim como para o planejamento de uma leitura dialogada com as crianças.
- **Outras aproximações com o livro:** sugestões para apoiar a experiência de leitura com a obra, com atividades a serem realizadas na sala de aula após a leitura compartilhada.
- **Outras propostas de leitura com as crianças:** sugestões para explorar a literacia familiar, para trabalhar a leitura pelas próprias crianças e para ampliar os laços com outros leitores.
- **Bibliografia comentada:** obras usadas para elaborar este material, com um breve comentário.
- **Indicação de leituras complementares:** sugestão de materiais que dialogam com os conteúdos e temas abordados e contribuem para o trabalho do(a) educador(a).

Este *Material do professor* foi produzido com a supervisão do Instituto Avisa Lá — Formação Continuada de Educadores, organização da sociedade civil sem fins lucrativos que vem contribuindo, desde 1986, para qualificar a prática educativa nos centros de Educação Infantil, creches e pré-escolas públicas. Junto com as redes de Ensino Fundamental, o Instituto Avisa Lá desenvolve ações de formação para profissionais de educação visando à competência da leitura, escrita e matemática dos estudantes nos anos iniciais.

A coordenação pedagógica do Avisa Lá acompanhou a redação e a edição do material escrito por especialistas em leitura e escrita. O manual também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

Nossa intenção foi indicar caminhos para que você, educador(a), possa mediar uma experiência literária significativa para bebês e crianças da Educação Infantil, contribuindo para que eles possam construir sentidos na leitura, ampliando suas referências estéticas e literárias.

Bom trabalho!



## Contextualização da obra

*Da minha janela* é um convite para a observação do mundo que nos cerca. A história é contada em primeira pessoa e sabemos quem é o protagonista pela ilustração: um menino que vai narrando o que vê quando abre sua janela.

Essa expressão já apresenta um duplo sentido: a janela pode se referir à janela da casa, mas também à janela do pensamento, do coração, ou seja, ao que se pensa e sente quando uma pessoa decide abrir-se para o mundo. Não sabemos o nome do personagem, mas vemos como ele é, pois aparece na capa e em outras partes da história, e assim podemos criar um vínculo com ele.

Nessa obra, enfatizamos o papel fundamental das ilustrações, que, cheias de detalhes, complementam o texto conciso e poético e corroboram a construção de sentidos. A favela, cenário onde o menino vive, é ilustrada de forma colorida, com inúmeros detalhes da arquitetura, da paisagem, das pessoas que vivem ali.



Sabemos que há preconceito e estereótipo quando relacionamos as moradias compreendidas como favelas e seus habitantes, e essas questões podem provocar uma discussão potente com as crianças durante a leitura desse livro. Para entender melhor, vale um breve histórico do uso do termo “favela”: tem origem no Rio de Janeiro do fim do século XIX, quando pessoas escravizadas que não tinham para onde ir fundam a primeira comunidade. Ficava em um morro denominado Morro da Favela, assim chamada por conta de uma planta farta no local, a “faveleira”.

Otávio Júnior é carioca, nasceu, cresceu e continua vivendo dentro do Complexo do Alemão, uma das maiores comunidades brasileiras. Segundo o autor:

Essa dedicação me ajuda a pensar em uma literatura qualitária e o fato de viver *full time* na favela me ajuda nas observações, a construir uma linguagem poética e real para meus textos. (“Quantas histórias vemos da nossa janela?”, *Blog da Letrinhas*, 8 jul. 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/blog-otavio-junior>. Acesso em: 22 maio 2026.)

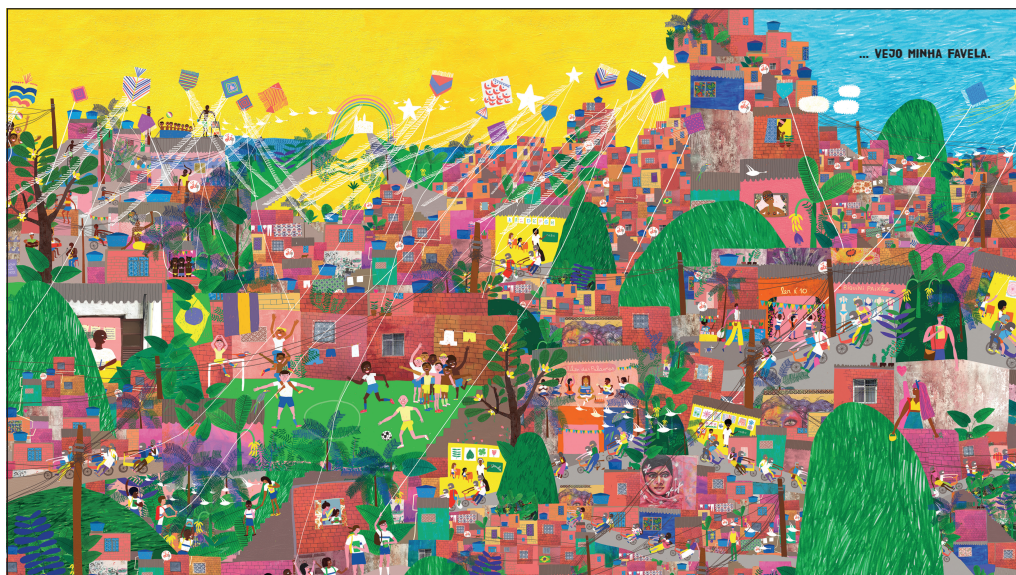
Essa fala de Otávio Júnior retrata o texto do livro — embora conciso, ele é repleto de possibilidades, multifacetado, e brinda o leitor com marcas da cultura local e dos costumes das pessoas que vivem nesse espaço.

O autor ainda conta que foi salvo por um livro. Quando criança, encontrou um livro no lixão e o levou para casa; a leitura o arrebatou e desse dia em diante não parou mais de ler: frequentava a biblioteca da escola e leu tudo o que podia. Hoje, engajado em causas sociais, um de seus maiores objetivos é transformar a vida das pessoas que moram em sua comunidade, e para isso criou o projeto Ler é 10 — Leia Favela: uma biblioteca comunitária, espaço onde se faz de tudo para incentivar cada vez mais a leitura. É interessante notar, inclusive, que esse lugar faz parte do cenário ilustrado no livro (p. 34).

As ilustrações primorosas foram feitas por Vanina Starkoff. Ela nasceu em Buenos Aires, na Argentina, mas reside no Brasil há muito tempo. Tem

vários livros publicados aqui e em outros países, e algumas informações sobre ela constam no final da obra (p. 47), que, inclusive, podem ser lidas para as crianças, pois nessa pequena biografia ela conta como é o mundo de sua janela e como foi conhecer o autor do livro.

A cada página dupla, conforme avança o enredo, Vanina retrata uma parte da vizinhança. E o mosaico se completa no final da história, quando o personagem termina dizendo: "Vejo minha favela."



A rima — janela e favela — pode ser compreendida como o coroamento desse mundo cheio de gente, de vida, de cores, e nem por isso um mundo menos ambíguo e diverso. Cada pedaço da ilustração, mostrado antes, se junta no fim compondo uma linda comunidade, cheia de vida, com pessoas trabalhando, se divertindo e vivendo.

O livro recebeu o prêmio Jabuti na categoria Infantil, em 2020, pela forma como aborda a diversidade e como oferece ao leitor a possibilidade de se ver e de ver o outro e o mundo. Inclusive, no fim do livro, o autor faz perguntas que nos instigam a olhar o que há diante de nossa janela — a real e também a imaginária. Vislumbrar novos horizontes, tecer novas manhãs, almejar algo novo pode ser uma reflexão interessante promovida por esse livro.

## Por que ler esse livro na Educação Infantil?

Uma obra literária que permite ampliar a compreensão do mundo e de si mesmo é, sem sombra de dúvida, motivo mais que plausível para ser lida para crianças da Educação Infantil. Essa ampliação é possível porque a narrativa e a forma como o texto se complementa com as ilustrações promovem uma experiência estética que convida os leitores a apreciarem a beleza das cores, dos traços, da palavra escrita, do movimento que existe na favela e também os estimula a pensar sobre a vida dos personagens e sobre a própria vida. Sentimentos, emoções e reflexões são despertados pela poética do texto escrito e das ilustrações.

Assim, *Da minha janela* pressupõe uma criança leitora, mesmo que ela ainda não saiba ler convencionalmente, pois põe em uso diversos recursos literários que valorizam o leitor: explora a intertextualidade, fazendo referências a outras histórias, como a de Malala; contempla muitas informações sobre a vida na favela por meio das ilustrações e aposta na capacidade infantil de observar e compreender o que vê e ouve; investe na polissemia do texto escrito, ou seja, a multiplicidade de sentidos de uma palavra, o que revela uma das características principais de um bom texto literário; emprega metáforas e palavras que trazem uma sonoridade, uma cadência durante a leitura em voz alta, entre outros aspectos.



Aqui, as palavras “estrelado” e “iluminado” rimam e provocam uma sonoridade que se destaca.



Nesse trecho, a brincadeira não é o telefone sem fio, e sim microfone, porque as crianças cantam juntas, criam rimas... E tudo isso é pura poesia, assim como a forma em que o texto é escrito.

Todas essas características atreladas a momentos de leitura com os colegas e o(a) educador(a) corroboram enfaticamente a **formação do leitor**. Por isso, é essencial considerar a **leitura em voz alta** feita por um(a) mediador(a) como um momento privilegiado.

A representatividade na literatura importa, por isso valorizar o protagonista da história e o cenário em que ocorre a narrativa é uma forma de aproximar o universo de muitas crianças à vida do menino que abre sua janela e vê o mundo singular que o cerca. A partir de experiências de leitura como essa,

espera-se que os pequenos aprendam certos **comportamentos leitores**, que consistem em conteúdos imprescindíveis a serem trabalhados quando pensamos na formação de leitores.

De acordo com a educadora argentina Delia Lerner, **comportamentos leitores** são as ações que os leitores fazem quando leem — e podem ser ensinados às crianças. Entre esses comportamentos, há aqueles que são compartilhados com outros leitores (como a conversa sobre o que foi lido), ao passo que outros ocorrem em uma esfera mais íntima (como pular trechos que não interessam em uma leitura).

Em *Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário* (Porto Alegre: Artmed, 2002, pp. 62-3), ela apresenta alguns exemplos de comportamentos do leitor:

- Comentar com outros o que se está lendo.
- Compartilhar a leitura com outros.
- Recomendar livros ou outras leituras que considera valiosas.
- Comparar o que se leu com outras obras do mesmo autor ou de outros autores.
- Contrastar informações de diferentes fontes sobre um tema de interesse.
- Confrontar com outros leitores as interpretações geradas por uma leitura.
- Realizar a leitura acompanhando um autor preferido.
- Discutir sobre as intenções implícitas nos textos, como nas manchetes de um jornal.
- Atrever-se a ler textos difíceis.
- Fazer antecipações sobre o sentido do texto que se está lendo e tentar verificá-las.
- Rer ler um fragmento anterior para verificar o que se compreendeu, quando se detecta uma incongruência.



O trabalho proposto para o livro *Da minha janela* se relaciona, pelo menos, a duas competências gerais da Educação Básica, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

### **Competência 3**

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

### **Competência 9**

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Essas competências se relacionam à fruição de diversas manifestações artísticas e culturais e a um diálogo que valorize a diversidade de indivíduos e de grupos sociais — justamente o que o livro propõe. E tudo isso vai ao encontro da proposta de **leitura dialogada** sugerida neste manual.

*Da minha janela* recebeu, inclusive, o prêmio Jabuti por celebrar a diversidade e a cultura de boa parcela de brasileiros. Ser escolhido como um livro de qualidade, o melhor na categoria infantil, em um prêmio altamente reconhecido nacionalmente, é outra justificativa para que seja lido para crianças pequenas.

A partir da experiência oferecida por meio da leitura pelo(a) educador(a), podem ser explorados alguns objetivos de aprendizagem e desenvolvimento do campo de experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação” da BNCC:

**(EI03EF03)** Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.

**(EI03EF07)** Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.

**(EI03EF08)** Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).

Uma rotina escolar consistente, que considere a prática de leitura feita pelo(a) educador(a) e outras práticas que contribuam para a autonomia e o desenvolvimento da competência leitora das crianças, permitirá avanços na formação leitora rumo à proficiência.



## Conversas em torno da leitura desse livro

Para a **leitura dialogada** de *Da minha janela*, seria interessante que as crianças estivessem acompanhando a leitura com o livro em mãos. Isso porque a riqueza nos detalhes das ilustrações é imprescindível para a construção de sentidos, visto que existe uma relação de complementaridade entre o texto e a imagem. Não se espera que a turma acompanhe a leitura do texto, mas que analise, observe e aprecie as ilustrações conforme você for lendo a narrativa verbal. Para cada virada de páginas, solicite que os pequenos também o façam.

Outra sugestão de encaminhamento é organizar um espaço para que todos fiquem bem próximos a você. Conforme lê o texto, vá mostrando as ilustrações e dando um tempo para a apreciação. No final da leitura, as crianças, em pequenos grupos, podem apreciar novamente as ilustrações e tecer novos comentários a fim de ampliar a compreensão leitora.

Para disparar a leitura, você pode apresentar a capa do livro, deixando que façam comentários sobre o título e sua relação com as ilustrações, para que antecipem o que vai acontecer com esse menino que se revela na capa.



Leia o texto da quarta capa e a partir da primeira pergunta — “Não é interessante pensar que nenhuma janela do mundo tem a mesma paisagem?” — deixe que as crianças respondam o que pensam sobre isso. Logo em seguida, ao terminar a leitura desse texto, volte para apreciar a capa e instigue-as a tecer novas relações e outros questionamentos. Por serem muito curiosas, as crianças costumam fazer perguntas que abrem novas possibilidades de troca e interação entre si e também com o(a) educador(a). Esses momentos, de **interação verbal**, oferecem uma oportunidade para sabermos o que pensam não só sobre a história, mas também sobre outras questões abordadas pela obra. São momentos também em que os pequenos ampliam a forma de entender o que leem e de compreender o mundo que os cerca.



Essas conversas também expõem o repertório linguístico e literário do grupo e possibilitam sua ampliação por meio da **leitura coletiva e dialogada**. Além disso, contribuem para ampliar o vocabulário das crianças com a apropriação de novas palavras e com a atribuição de novos sentidos para as já conhecidas.

Algumas perguntas podem favorecer a troca de ideias nesse momento inicial:

- Observando a ilustração da capa e o título, **quem** será esse menino na história? **O que** ele parece estar fazendo?

- Vocês imaginam **onde** ele mora? **Que** lugar parece ser esse?
- Na quarta capa, há um texto que nos diz que não existe a mesma paisagem em nenhuma janela do mundo. **O que** pensam sobre isso? Concordam? **Por quê?**

Logo no início da leitura é possível retomar algumas discussões feitas anteriormente na apreciação da capa, por exemplo:

- O menino conta logo no início da história que da sua janela ele vê muitas lajes e telhados remendados. Vamos olhar as imagens. Vocês conseguem pensar outras respostas sobre **onde** fica esse lugar? Ou continuam com a mesma opinião?

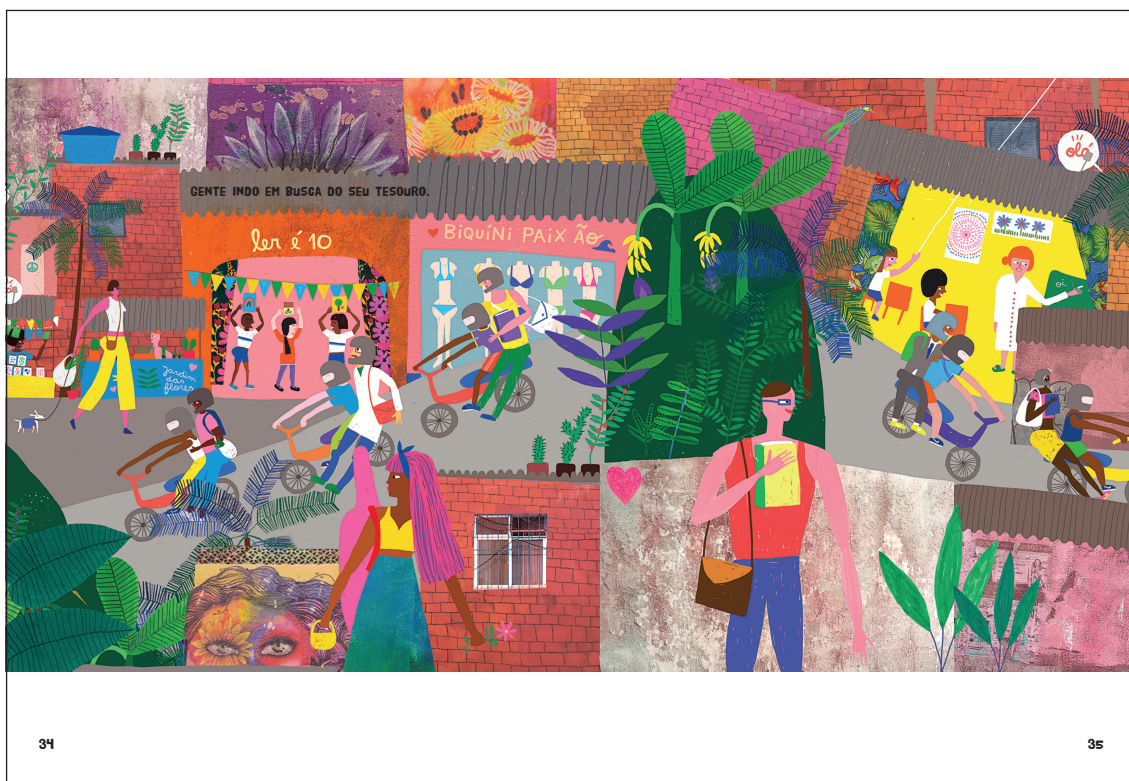
Podemos analisar a passagem do tempo ao observar a noite, mais escura, e o dia, com cores claras e vivas. Na página dupla a seguir (pp. 14-5), é possível notar um tom de roxo para indicar a noite.



Observa-se nessa ilustração a imagem de uma mulher entre as folhas: podemos identificá-la, é Malala. Pergunte se as crianças a conhecem. Comente que é uma menina que lutou bravamente pelos direitos à educação feminina, pois no Paquistão, país em que nasceu, os privilégios e as oportunidades eram dados somente aos meninos. Pode ser um grande desafio para as crianças entenderem a relação dessa imagem com o texto escrito (“Ao cair da noite vejo muitas luzes e vaga-lumes que iluminam caminhos escuros”), mas vale tentar ouvir o que pensam sobre isso e comentar, em seguida, que Malala levou luz, iluminou a vida de muita gente, assim como os vaga-lumes iluminam os caminhos.

Como em todo bom texto literário, são muitas as possibilidades de apreciação dessa história, e vamos tratar apenas de algumas delas. Uma discussão interessante é pensar na relação entre texto e imagem.

Há uma passagem no texto que é possível compreender quando vemos a imagem: “Gente indo em busca de seu tesouro” (pp. 34-5).



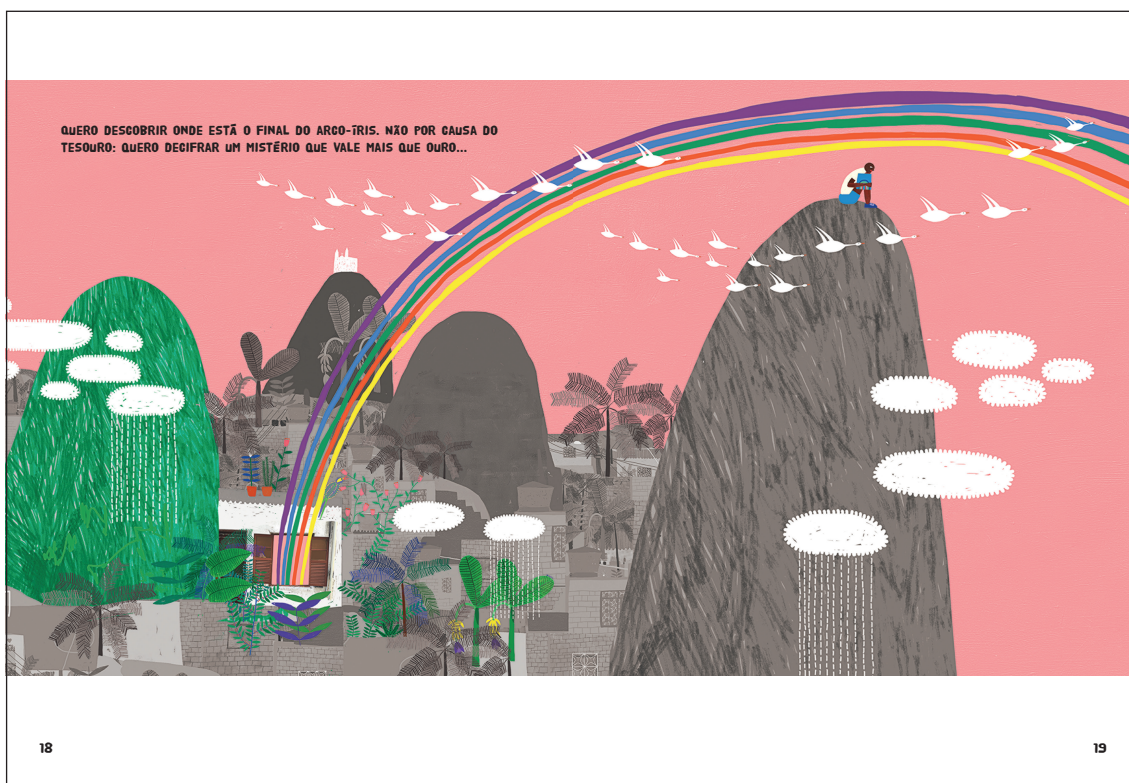
Ao ler esse trecho, pergunte às crianças:

- Olhando para as imagens, **como** sabemos que as pessoas estão em busca de seu tesouro? **O que** elas estão fazendo?

Pode-se chamar atenção para o movimento das pessoas por entre as ruas e para os diversos locais de comércio e serviços prestados à população local. Essas são algumas possibilidades de responderem a essa questão. Outras poderão ser feitas:

- **O que** será esse “tesouro” de que fala o menino?
- **Por que** um livro pode ser um tesouro?

Para ampliar a discussão desse trecho, vale a pena voltar algumas páginas (pp. 18-9) e comentar a passagem em que o menino diz que quer descobrir o que há no final do arco-íris, mas não por desejar o tesouro, e sim para “decifrar um mistério”. Que mistério é esse?



Será que as crianças já ouviram falar da lenda de que existe um tesouro no final do arco-íris? E sabem que, quanto mais nos aproximamos do que parece ser o fim, mais temos a sensação de estarmos distantes? Conte isso para elas e estimule o grupo a trocar algumas ideias. Já viram um arco-íris? Será possível chegar no fim dele? A proposta é que comentem suas próprias experiências.

A cultura local e os costumes das pessoas que vivem na comunidade são revelados a cada página. Sabemos que o futebol é uma das grandes paixões dos brasileiros, e fazer um goloço no Maracanã é um sonho de muita gente, inclusive dos meninos que jogam no campinho da favela.



O trecho “Gente que sonha em fazer goloço no Maracanã lotado” (pp. 28-9) pode ser destacado pela estrutura textual, pois é uma frase simples que se conecta facilmente com o universo da infância. As palavras “goloço” e “lotado” fazem parte do universo futebolístico e são marcadas pela assonância, a repetição das vogais.

As ilustrações também revelam, ao longo de toda a obra, a força de trabalho das pessoas que vivem no cenário da história, cada uma na busca de

algo para viver. E os percalços não foram deixados de lado: a chuva assola a comunidade e quebra os telhados.

Para discutir essas questões, algumas perguntas podem nortear a conversa:

- A história vai contando **como** as pessoas vivem na favela. **O que** sabemos sobre a vida dessas pessoas? **O que** elas costumam fazer?
- **Como** sabemos sobre o que elas fazem?
- Vocês brincam ou fazem coisas parecidas com as que aparecem no livro? **O quê?**
- O menino que narra a história diz uma hora que “microfone sem fio” é a brincadeira preferida deles. Você conhece uma brincadeira que se chama “telefone sem fio”? Gosta dela?

Outra forma de apreciar o livro é retomando a página dupla (pp. 40-1) em que a favela é revelada em sua totalidade, no final da história.



Essa ilustração é formada por vários elementos mostrados ao longo do livro, por isso vale propor às crianças quais deles conseguem reconhecer. Há o castelo, o campinho de futebol, o comércio, as brincadeiras, a piscina na laje, entre outros.

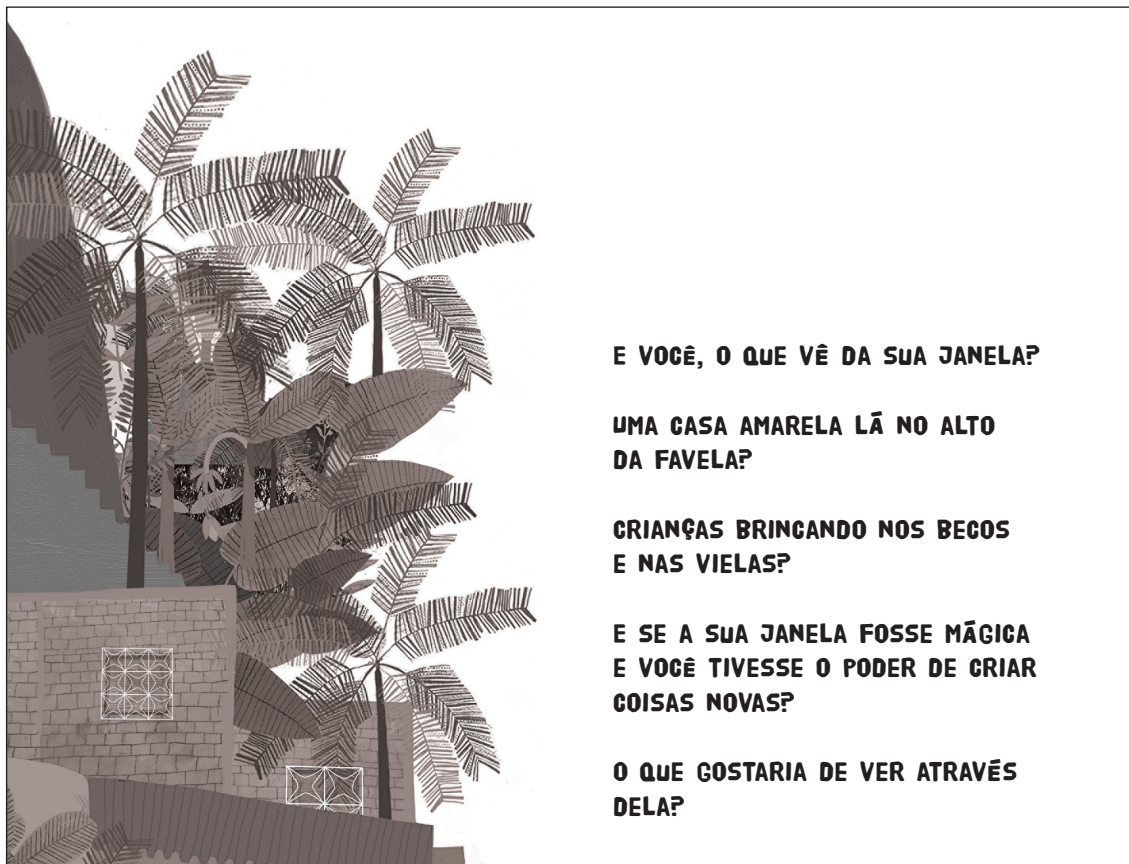
Nesse momento, a turma já conhece o protagonista e o lugar onde ele vive, e essas relações podem servir para discussões como:

- A vida de vocês é parecida com a do menino do livro?
- **O que** é muito diferente da vida dele? E **o que** é parecido?

Conhecer o autor ajuda a ampliar essa reflexão. No fim da obra há algumas informações sobre Otávio Júnior e também é possível encontrar outras disponíveis na internet. A realidade retratada na história se refere a uma parte da vida dele. Vale salientar que o menino/autor é representado no livro quase sempre lendo, estudando, pensando e brincando. A construção dessa personagem negra revela uma autoimagem positiva, de uma criança potente e com oportunidades — e os leitores podem se identificar com a vida dele e com a obra. A narrativa se aproxima tanto da vida do autor que existe um projeto social que ele criou, chamado Ler é 10, presente nas ilustrações do livro (p. 34). O papel da leitura na infância do autor e a importância dessa biblioteca comunitária que ele criou — como já contamos na parte introdutória deste manual — podem ser retomados com as crianças. Nesse momento, pode ser bastante proveitoso e rico para o processo de formação do leitor apresentar a ilustradora e chamar a atenção para as imagens ao longo da narrativa.



Por fim, o texto termina com muitas perguntas ao leitor:



**E VOCÊ, O QUE VÊ DA SUA JANELA?**

**UMA CASA AMARELA LÁ NO ALTO  
DA FAVELA?**

**CRIANÇAS BRINCANDO NOS BECOS  
E NAS VIELAS?**

**E SE A SUA JANELA FOSSE MÁGICA  
E VOCÊ TIVESSE O PODER DE CRIAR  
COISAS NOVAS?**

**O QUE GOSTARIA DE VER ATRAVÉS  
DELA?**

Vai ser um bate-papo gostoso ouvir o que as crianças veem ou gostariam de ver, por isso uma orientação didática imprescindível para que essa situação de **leitura dialogada** seja proveitosa é considerar o que elas pensam, o que chama atenção delas — essa é a premissa da conversa apreciativa em torno dessa história. Isso não significa que você não possa ampliar as observáveis das crianças (aquilo que observa sobre o que as crianças já sabem) e sua compreensão leitora, mas é fundamental que a conversa surja a partir dos interesses delas. Outra questão importante é que há muitos detalhes e aspectos interessantes a serem discutidos com as crianças, e não é preciso abranger todos em um único dia. Vocês podem ler a história de novo em outros momentos e ampliar a discussão.

## Outras aproximações com o livro: procure e ache

Como já destacado ao longo deste material, as ilustrações de Vanina Starkoff são um destaque à parte. Com cores vivas e alegres, que lembram as cores da bandeira brasileira, com predomínio de amarelo, verde e azul, podemos observar cada parte de uma comunidade que tem uma vida intensa, com inúmeras atividades acontecendo simultaneamente. A ideia dessa proposta é brincar de procure e ache, o que pode ser disparado com a provocação de encontrar, em alguma ilustração ou em parte dela, algo que parece escondido ou difícil de achar. Sugerimos algumas perguntas para a página dupla (pp. 40-1), que revela a favela inteira e nos parece a mais propícia para a brincadeira. Mas você pode escolher outra ilustração, adaptando as questões.

- **Onde** tem crianças ou adultos de bicicleta e moto?
- Vemos uma pipa formada por uma estrela branca, **quem** está empinando? E a pipa que parece um peixe?
- **Onde** está o protagonista, o menino que conta esta história?
- E **onde** está uma professora com jaleco branco?

Essas e outras questões podem servir de apoio para esse momento. Deixar as crianças indicarem outras coisas para procurar também pode ser bastante divertido para a turma.



# Outras propostas de leitura com as crianças

## LEITURA PELA CRIANÇA

Até aqui enfatizamos a leitura feita pelo(a) educador(a), que atua como um modelo, explicitando comportamentos leitores, mediando a leitura e a conversa, a fim de ampliar a experiência leitora das crianças. No entanto, essa não é a única prática importante a ser realizada com crianças pequenas. Após a leitura, é fundamental que elas manipulem o livro, explorando-o com o próprio corpo, vendo de perto aspectos e detalhes das ilustrações, retomando trechos mais emocionantes ou divertidos da história, aventurando-se na leitura mesmo antes de saber ler de forma autônoma. Nesse momento, por exemplo, as crianças buscam estabelecer uma relação entre o texto e a ilustração, ao lembrar a frase que ouviram e fazer a correspondência do oral com o escrito — o que possibilita uma reflexão sobre a escrita.

Os livros podem ser dispostos num canto de leitura, num tapete com almofadas ou com os recursos disponíveis na escola, e você pode incentivar as crianças a olhar seu exemplar individualmente ou em duplas. Com o livro em mãos, as crianças podem reviver momentos da roda, impor seu próprio ritmo de leitura, ocupar seu lugar de leitor ou de mediador com outros colegas, observar mais de perto detalhes que na roda haviam passado despercebidos. Além disso, a relação do leitor com a leitura é muito atravessada pelo objeto livro, e, se ele gostou da história, tê-la por mais tempo e de forma mais próxima será uma situação vivida com prazer.

## LEITURA EM CASA/ LITERACIA FAMILIAR

Levar o livro para casa e compartilhar a leitura com os familiares é uma proposta importante para as crianças. Além de prolongar uma situação vivida na escola, as práticas de **literacia familiar** podem **reforçar vínculos** entre a

**criança e os familiares**, além de possibilitar que ela apresente e comente um livro que já conhece. Isso vale não só para essa obra, mas para qualquer livro que queiram levar para casa.

Com *Da minha janela*, a leitura com os familiares propicia que os pequenos explorem novamente as ilustrações, cada detalhe das imagens, a beleza das palavras e dos sons produzidos pela escolha cuidadosa feita pelo autor. Cada um desses aspectos pode desencadear uma conversa em casa. No fim da história, há um convite explícito ao leitor para observar a janela, a de sua casa ou uma janela imaginária. Proponha que aceitem o convite e façam um desenho com as pessoas do convívio familiar. Disponibilize os materiais necessários e peça que façam um desenho do que veem ou gostariam de ver; podem usar a imaginação e criar cenários que gostariam de viver ou mesmo de ver.

Os desenhos podem fazer parte de uma exposição na escola. Reserve um mural em que a comunidade escolar possa apreciar as produções e não deixe de fazer uma roda de apreciação para cada um contar o que desenhou e como fez, ou seja, que elementos desenhou, que cores e traços usou para produzir os efeitos de sentido.

Por meio dessa proposta, é possível envolver especialmente o seguinte objetivo de aprendizagem e desenvolvimento do campo de experiências “Traços, sons, cores e formas”:

**(EI03TS02)** Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.

Outro desdobramento possível é pedir que os colegas de outras turmas teçam comentários a respeito do mural e que, inclusive, conheçam a obra e tenham também um espaço para desenhar o que veem ou gostariam de ver de suas próprias janelas.

Sempre que as crianças levarem livros para casa, quando esses livros voltarem para a escola seria interessante fazer uma roda para que compartilhem com os colegas a experiência vivida em casa, comentando aspectos da narrativa, dos personagens e da própria leitura com os familiares.

Nesse momento, é fundamental que a roda não seja impositiva — a ideia não é falar sobre o livro como uma checagem de conhecimentos, por exemplo, ou ter que fazer o resumo da história —, mas que flua muito mais como uma conversa entre leitores, que sugerem leituras entre si e comentam sobre o que estão lendo.

## **INDICANDO O LIVRO PARA OUTRAS TURMAS**

A leitura como **atividade diária** permite que ao longo de uma semana ou dez dias as crianças tenham construído um bom repertório de histórias. Além de *Da minha janela*, que tal escolher com o grupo a história preferida da semana ou a mais legal entre dez livros, por exemplo, e indicar a leitura para outra turma da escola? Essa indicação pode ser feita oralmente, em uma roda compartilhada com outra turma, ou mesmo por escrito. Para fazer a indicação, algo que faz parte do mundo dos leitores, as crianças precisarão pensar nos motivos da escolha daquele livro, o que faz dele um bom livro, por que poderá interessar a outros pequenos leitores.

Ajude o grupo a gradativamente construir elementos para fazer indicações de livro aos amigos, a familiares, a outras turmas da escola. Para isso, uma sugestão é conversar com as crianças depois que levam o livro para casa e o trazem de volta:

- Você conhece alguém que gostaria de ler esse livro?
- **O que** este livro tem que fez você pensar nessa pessoa?
- Você gostaria de indicar alguma página em especial?
- **Por que** gostaria de indicar esse livro?

No caso do livro *Da minha janela*, por exemplo, há muito a falar! O livro é permeado de possibilidades de reflexão, cheio de detalhes nas ilustrações que complementam o texto e que ao mesmo tempo retratam a vida de muitos brasileiros, possibilitando que as crianças se identifiquem com a narrativa. Além disso, o narrador nos convida a olhar pela janela: o que vemos? Pode ser real ou inventada, o que você imaginaria da sua janela?

Enfim, nesse momento, os pequenos aprendem a considerar os motivos que fazem desse título uma boa experiência de leitura e percebem como comunicar isso a outras crianças — seja oralmente, seja ditando ao(à) educador(a) o texto da indicação literária. Com essa prática, ampliam seus laços com outros leitores e aprendem algo muito caro aos leitores mais experientes: o compartilhamento das leituras queridas.



## Bibliografia comentada

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 22 maio 2026.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que todos os estudantes devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a BNCC soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Quais são as tensões envolvidas no ensino da leitura e da escrita na escola? Nessa obra, a pesquisadora argentina visa explicar aos(às) educadores(as) o que precisa ser ensinado para formar leitores e escritores de fato. Para isso, oferece exemplos de propostas de leitura e escrita. Lerner também mostra como é importante criar condições para que os estudantes participem ativamente da cultura escrita desde a alfabetização inicial, uma vez que constroem simultaneamente conhecimentos sobre o sistema de escrita e a linguagem que usamos para escrever.

“QUANTAS histórias vemos da nossa janela?”, *Blog da Letrinhas*, 8 jul. 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/blog-otavio-junior>. Acesso em: 22 maio 2026.

Neste post, Otávio Júnior conta um pouco de sua trajetória entre os livros, até se tornar o Livreiro do Alemão e escritor de livros infantis. E fala também de como surgiu a ideia do livro *Da minha janela*.

VAN DER LINDEN, Sophie. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2018.

Neste livro, a autora analisa o livro ilustrado ou livro-álbum, que nasce no século XIX com o britânico Randolph Caldecott e se consolida com a publicação de *Onde vivem os monstros* (1963), do norte-americano Maurice Sendak. Para além da reflexão teórica, a obra discute, por meio de muitos exemplos e depoimentos de editores, autores e diretores de arte, as principais características dessa forma de expressão, esmiuçando processos criativos e fornecendo muitos elementos para que os leitores aprofundem suas leituras de livros ilustrados.



## Indicação de leituras complementares

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2020.

Cecília Bajour fala da importância da conversa para a formação do leitor e como essa troca entre leitores amplia as construções de sentido em uma leitura. A autora também traz exemplos práticos, refletindo sobre o papel do adulto na mediação da conversa e a importância do registro desse momento para que seja possível identificar e acompanhar as aprendizagens dos leitores. O livro é composto de quatro textos sobre a importância da “escuta”, da “conversação literária” e do “registro” para o êxito no trabalho com a leitura literária.

BAROUKH, J.; CARVALHO, A. C. *Ler antes de saber ler: Oito mitos escolares sobre a leitura literária*. São Paulo: Panda Books, 2018.

As autoras refletem nesta obra sobre as condições para a formação de leitores na escola, desde a Educação Infantil até os anos iniciais do Ensino Fundamental, discutindo alguns mitos em torno da leitura literária na escola. Com exemplos da prática escolar e de situações de formação de educadores, as autoras propõem um debate sobre a escolha de livros de qualidade, as diferenças entre ler e contar histórias, a importância da conversa para a formação de leitores, entre outros aspectos.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

A autora, renomada pesquisadora catalã, coordenadora do Grupo de Pesquisa de Literatura Infantil e Juvenil e de Educação Literária (Gretel) da Universidade Autônoma de Barcelona, discute questões fundamentais para todos que desejam se aprofundar na formação de leitores na escola, tanto na teoria como na prática. Na primeira parte do livro, ela se dedica a três aspectos que interagem no processo da educação

literária: a escola, os leitores e os livros; na segunda, expõe a inter-relação desses elementos com propostas de leitura planejadas pelos(as) educadores(as).

GOBBI, M. A.; PINAZZA, M. A. (orgs.). *Infância e suas linguagens*. São Paulo: Cortez, 2014.

Fruto de um seminário internacional com a participação de especialistas do campo das linguagens do Brasil, da Itália e da Espanha, o livro conduz a reflexões de natureza política sobre a valorização do campo das artes, da literatura e de outros conhecimentos. Essa perspectiva assenta-se na compreensão de que o imaginário, o lúdico e a “expressão” de um ato, que passa pela experiência, são carregados de emoções, sentimentos e significados, e são essenciais para a condição humana de um ser simbólico.

OLIVEIRA, Zilma R. de (org.). *O trabalho do professor de Educação Infantil*. São Paulo: Biruta, 2012.

Várias especialistas abordam o papel fundamental do professor de Educação Infantil na escolha de atividades promotoras de desenvolvimento, na mediação das interações das crianças com outras crianças, adultos, o ambiente e o conhecimento. A publicação aborda como diferentes concepções de infância e criança fizeram e fazem parte do campo da Educação Infantil, analisa as condições para a construção de ambientes de convivência e de aprendizagem e enfoca questões relacionadas aos cuidados de si e do outro, além de trazer reflexões sobre boas práticas pedagógicas com as crianças de 0 a 5 anos, considerando-as seres capazes, inteligentes e produtores de cultura.